

CHIQUINHA GONZAGA E A MODA DE SEU PERÍODO: UM ESTUDO DE POSSÍVEIS RELAÇÕES.

Chiquinha Gonzaga and the fashion of her time: A study of possible relations.

Oliveira, Vanessa Melo; Mestranda; Universidade de Fortaleza - Unifor;
contactarvanessaoliveira@gmail.com¹

Teraoka, Rani; Bacharel; Universidade Anhembi Morumbi;
ni.tete@hotmail.com²

Resumo

O presente trabalho aborda parte da vida e obra de Chiquinha Gonzaga, a moda do período em que a musicista viveu e faz uma relação da personalidade revolucionária de Chiquinha com o contexto da moda. O estudo justifica-se pelo fato da compositora e maestrina ter sido uma personalidade importante de nosso país e por suas características terem tido relações com o vestuário da época.

Palavras Chave: Chiquinha Gonzaga; história da moda; vestuário.

Abstract

This paper addresses part of the life and work of Chiquinha Gonzaga, the fashion of the period in which the musician lived and makes a list of Chiquinha's revolutionary personality with the context of fashion. The study is justified by the fact that the composer and conductor have been an important personality of our country and her characteristics have had relationships with the clothing of the time.

Keywords: Chiquinha Gonzaga; fashion history; clothing.

Introdução

O presente artigo aborda um pouco da vida e obra da compositora e maestrina, Chiquinha Gonzaga; traz conceitos históricos da moda do período em que a musicista viveu, ou seja, da segunda metade do século XIX, ao começo do XX; e relaciona o perfil e as principais características de Chiquinha com os acontecimentos da moda.

Pode-se dizer que é um estudo interdisciplinar, pois entra em contato com dois contextos culturais, que são a música e a moda.

¹Mestranda em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza. Bacharel em Design de Moda pela Universidade Anhembi Morumbi. Cursou a pós-graduação em História, Sociedade e Cultura por 1 ano na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.

²Bacharel em Design de Moda pela Universidade Anhembi Morumbi. Estudou durante 1 mês no Instituto Marangoni na Itália. Possui cursos de extensão em Coleção de moda e Vitrinismo.

Esta pesquisa tem como principal objetivo relacionar o perfil revolucionário e a criatividade de Chiquinha com as características e transformações da moda do período em que ela viveu.

A construção da música popular brasileira foi de grande importância para a evolução da nossa cultura a partir de meados do século XIX. Partindo desse pressuposto, foi pesquisado e estudado parte do trabalho de Chiquinha, que foi uma grande compositora e personalidade brasileira, não apenas em termos de música, mas também em lutas sociais.

A moda do período da musicista foi um marco na história do vestuário, passou por diversas transformações e ao final da vida de Chiquinha, o estilo de vestir brasileiro estava começando a ser desenvolvido com características do nosso país, e antes mesmo disso, já tínhamos fabricação própria.

A partir de tal fato, pode-se observar a relevância em pesquisar sobre a música e a moda do Brasil e fazer relações interdisciplinares.

Metodologia

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa teórica, qualitativa e indutiva que foi dividida para poder ser desenvolvida em momentos: pesquisa do referencial teórico; pesquisa e coleta dos dados considerados relevantes; organização, classificação e análise dos dados; análise dos resultados; ajuste do modelo explicativo; análise dos resultados da pesquisa; e por fim, reflexão e descrição dos resultados do estudo.

Chiquinha Gonzaga

Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, nasceu em 17 de outubro de 1847, no Rio de Janeiro (DINIZ, 2009) e, para o padrão da época, recebeu uma boa educação de seus pais: estudou com professores renomados, teve aulas de música, utilizando o piano como principal instrumento. Foi com esse estudo sobre música que teve início seu grande interesse em se aprofundar nesta disciplina.

Chiquinha foi uma figura importante para o país, pois trouxe grandes contribuições para a música popular brasileira, tendo, sua trajetória, percorrido

desde o Segundo Reinado (1840-1889) até as primeiras décadas da República (proclamada em 1889).

A importância da figura da compositora na história está diretamente vinculada com a música e o desenvolvimento de uma outra forma musical, não existente na época. Esta nova forma musical vai incorporar-se à sociedade (da mesma forma que as novas músicas e estilos incorporam-se à nossa sociedade atual). Dessa forma, Francisca Gonzaga torna-se esta figura importante, que desenvolve este novo estilo de compor e apresentar a música (BOFF, 2008, p. 2).

Francisca Gonzaga foi uma mulher que fugiu dos padrões das outras mulheres de sua época. Defendeu, por exemplo, alguns ideais libertários, como a abolição dos escravos e o direito de uma pessoa do sexo feminino poder se apresentar (tocando) em público; lutou também pelos direitos dos músicos compositores, como, por exemplo, por um melhor pagamento por suas composições e o reconhecimento do direito autoral de suas obras.

Em meados do século XIX, período no qual Chiquinha nasceu, a sociedade brasileira seguia padrões europeus no que se tratava de roupas, costumes e também da música. Sendo assim, estes elementos ainda não tinham um caráter tipicamente brasileiro. Existiam, no entanto, manifestações culturais indígenas, que divulgavam seus ritos e melodias, mas estas não influenciavam a sociedade.

Chiquinha chamava a atenção da sociedade até pelas roupas que vestia, as quais ela mesma confeccionava. Segundo Cazes (2010), suas vestes eram bastante originais, pois não tinham as características dos vestidos à moda francesa, vendidos na famosa Rua do Ouvidor.

Um dos fatores mais interessantes do trabalho de Chiquinha foi a construção de um estilo próprio. Uma junção de gêneros musicais que acabou funcionando muito bem foi a da polca com o lundu, uma vez que os dois eram similares no compasso e no andamento. Essa fusão ficou conhecida como polca-de-serenata que, pouco tempo depois, foi evoluindo, e tornou-se conhecida como “choro”.

Chiquinha também foi considerada uma mulher revolucionária no período em que viveu, pois além de ter se separado do marido, e ter deixado com ele os filhos, a compositora frequentava rodas de boêmios, convivia com músicos populares, principalmente em saraus, trabalhava fora de casa e lutava

contra a abolição dos escravos, fatores considerados indignos para uma mulher.

A sociedade patriarcal concebia a mulher a partir de um modelo rígido: ela era a pedra angular da família, depositária da tradição e responsável pela estabilidade social. Como elemento perene do sistema, qualquer mudança provocada por ela nos padrões de comportamento inspirava temeridade. (DINIZ, 2009, p.118).

Com o passar do tempo, a musicista foi conquistando seu espaço, criando ritmos musicais novos e adquirindo sucesso. Em 1877 (DINIZ, 2009), foi publicada “Atraente”, a primeira polca da compositora. O sucesso foi tanto que, nove meses depois, atingia a 15ª edição. Ainda em 1877, ela criou as valsas “Desalento” e “Harmonias do coração”; a polca “Não insistas rapariga”; e o tango: “Sedutor”. ‘A consagração do seu trabalho era a resposta que dava a todos. Sua popularidade continuava a aumentar, incrementada pelo sucesso de suas músicas nos palcos.’ (DINIZ, 2009, p. 142).

Um dos gêneros a que Chiquinha se dedicou fielmente foi a marcha. Para Haroldo COSTA (2001), a marcha é considerada uma canção carnavalesca e teve início nas ruas.

A primeira marcha de carnaval a ficar realmente conhecida foi “Ó abre alas”, de Chiquinha Gonzaga. Segundo Edinha Diniz (2009), a musicista compôs o “Ó abre alas” em uma tarde, no início do ano de 1899, sentada no piano de sua casa, ao ouvir o cordão Rosa de Ouro ensaiando. A pesquisadora comenta que Chiquinha não se preocupou em usar nenhum rótulo, mas em compor algo original.

Para Edinha Diniz, essa composição de Chiquinha talvez tenha sido a mais despretensiosa, porém é a que melhor sintetiza seu talento e espírito determinado, uma vez que

[...] prova uma intuição extraordinária, capaz de perceber a força e a originalidade da festa popular que se tornaria manifestação da nacionalidade, e expressa, com a simplicidade das grandes criações, o sentimento do ‘povo da lira’ em sua passagem para a vitória (DINIZ, 2009, p. 177).

Segundo Marlene Pinheiro (1995), além de o “Ó abre alas” ser caracterizado por um ritmo popular, ele fez uso do espaço aberto, ou seja, a

rua, para espalhar esse gênero musical do carnaval, fazendo, assim, com que a dança e o canto saíssem dos salões e fossem para um espaço igualitário.

A moda do final do século XIX e início do XX.

O século XIX foi sem dúvida palco de muitas mudanças para a moda, provenientes inclusive dos acontecimentos do século anterior, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Tal fato fez com que a indumentária evoluísse muito e modificasse suas formas e estética em um espaço de tempo cada vez menor.

A última década do século XIX e início do XX é um período conhecido como Belle Époque. O estilo de vestir no Brasil ainda era muito influenciado pela Europa. A elite brasileira via a moda como forma de distinção, de mostrar poder e pertencimento a grupos sociais. A moda europeia chegava ao Rio de Janeiro e de lá era disseminada para o resto do país (BRAGA; PRADO, 2011).

Apesar de o vestuário ser copiado da Europa, muitas vezes algumas peças não acabavam saindo totalmente iguais, pois os brasileiros dependiam da importação de tecidos e aviamentos para a confecção das mesmas e acontecia também de elas sofrerem interferências, mesmo que pequenas, das clientes ou do(a) costureiro(a), por conta do clima, - fator que influencia bastante no conforto - pela criatividade e por questões culturais.

Uma das principais características da moda do período da Belle Époque é a silhueta denominada como ampulheta, a qual é definida pela cintura bem marcada com espartilho, o quadril e busto avantajados. Pode-se dizer que era um verdadeiro jogo de extremos.

O ideal do charme feminino correspondia a um mosaico de cheios e vazios, curvas e retas: ombros arredondados e inclinados em suave queda, pescoço flexível e bem lançado, seios 'obviamente' opulentos, bacia larga [...], pulsos delicados e magros, mãos longas [...]. Curvas, ondas, acidentes compunham a cartografia física, feita de escrupulosa distribuição de superfícies e volumes. (BRAGA; PRADO, 2011, p. 34).

A crinolina, que era um conjunto de arcos de metal utilizada para armar as saias, durou aproximadamente quinze anos e passou por diversas modificações durante esse período. Em meados da década de 1860, começaram

a se deslocar para a parte de trás do corpo feminino. Um pouco depois foi reduzida a uma espécie de anquinha, muito característica da década seguinte. A época em que a crinolina atingiu seu ápice foi no Segundo Império Francês.

Segundo o autor Carl Kohler (2005), com a derrota da França na guerra contra a Alemanha em 1870, Paris deixou de ser um pouco o foco da moda. Nesta mesma década os vestidos eram de dois tipos: feito em uma peça só, chamado de estilo "princesa", ou com corpete e saia separados.

Os esportes que estavam surgindo influenciaram muito a moda. A bicicleta, por exemplo, exigia o uso de um traje bifurcado. A solução encontrada foram as saias divididas, elas provocaram quase tanta polêmica quanto a campanha *Bloomer* da década de 1850. O costume de corte masculino originou o paletó, saia e blusa ajustada para as mulheres praticarem os esportes ao ar livre (LAVIER, 2008).

A década de 1890 foi marcada pela mudança de valores. A velha e rígida estrutura social estava se desfazendo, com os novos ricos e seu estilo de vida e comportamento. Os jovens buscavam intensamente novos ideais e conceitos de liberdade, demonstrados nos trajes esportivos e na extravagância de suas roupas do dia-a-dia.

No início do século XX a mulher estava começando a conquistar uma maior liberdade social. Com isso, ela precisava de mais mobilidade física, e foi a partir disso que por volta de 1908, o até então clássico espartilho em forma de S, cedeu lugar a uma silhueta mais reta e suave (FOGG, 2013).

Segundo as autoras Valerie Mendes e Amy de la Haye (2003), a moda da primeira década do século XX ainda trouxe muitos resquícios do século anterior. Os ditames e as regras de vestir eram rigorosamente seguidos por boa parte dos indivíduos, e o vestuário definia claramente posição e classe social. Ainda de acordo com Mendes e Haye, foi apenas em meados de 1910 que a indumentária passou por mudanças sutis, que se deram principalmente através da referência dos *Ballet Russes*, de Diaghilev. Inclusive nesse período, a moda no Brasil ainda era influenciada pela Europa e depois da Primeira Guerra, passou a adotar também referências dos Estados Unidos.

Chiquinha Gonzaga, a moda de seu período e as possíveis relações.

Segundo a autora Gilda de Mello e Souza (2005), foi exatamente em meados do século XIX que a moda passou a ser abordada de forma relativamente democrática. Fala-se relativamente, porque as pessoas de classes mais altas continuavam tendo acesso mais facilmente às modas mais atuais. Porém, de acordo com Souza (2005, p. 21), '[...] é no século XIX, que a moda se espelha por todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio [...], acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breves.'

Pode-se dizer que pelo fato de Chiquinha ser uma mulher que apoiava os direitos iguais e a democracia, ela também consequentemente era a favor de que todas as mulheres, independente da classe social, pudessem usar os mesmos tipos de roupa. A burguesia, por exemplo, não gostava que as classes mais baixas usassem o vestuário com os mesmo tecidos, mesmo corte e detalhes praticamente iguais aos seus, pois com isso elas tinham que mudar rapidamente suas roupas para voltar a se diferenciar das classes inferiores.

Segundo Baldini (2006), uma das poucas ocupações da maioria das mulheres dessa época era com relação ao vestuário. Elas estavam sempre em busca de novos tecidos, modelagens e aviamentos, pois tinham tempo ocioso para se dedicar a essa atividade. Esse não era o caso de Chiquinha, que dedicava todo o seu tempo à música.

É sabido que a moda desempenha diversas funções e que uma delas é a de enfeite e adorno. No caso da maioria das mulheres da época, esse aspecto da indumentária era utilizado principalmente para chamar a atenção dos homens e conquistá-los para conseguir um casamento. Os símbolos sexuais eram despertados com relação à moda, através da grande quantidade de anáguas, babados e pela crinolina, que aumentavam bastante o quadril, através da contração da cintura, a qual entrava em contraste com o quadril avantajado e com volumes na parte superior do traje, dando a ideia de uma cintura mais fina do que de fato era. (SOUZA, 2005).

Naquela época a maior parte das mulheres tinha como principal objetivo de vida, o casamento. A fim de atingir esse intuito, elas se vestiam muitas

vezes de forma sedutora e um pouco provocante. Porém, Chiquinha não gostava desse tipo de vestuário, pois não tinha o interesse de arranjar marido e também pelo fato desse tipo de roupa, um pouco mais extravagante, não ter chamado sua atenção.

No final do século XIX e principio do XX, a mulher passou a entrar mais ativamente no mercado de trabalho, ocupando inclusive posições antes desempenhadas apenas por homens. Segundo a autora Gilda de Mello e Souza, a mulher

[...] para viver dentro da profissão adaptou-se à mentalidade masculina da eficiência e do despojamento, copiando os hábitos do grupo dominante, a sua maneira de se vestir, desgostando-se com tudo aquilo que, por ser característico de seu sexo, surgia como símbolo de inferioridade: o brilho dos vestidos, a graça dos movimentos, o ondulado do corpo. (SOUZA, 2005, p. 106).

A partir disso pode-se destacar que Chiquinha não era uma mulher extremamente vaidosa. Ela sempre estava bem vestida, tinha cuidado com o visual, até pelo fato de ela própria confeccionar suas roupas em uma fase de sua vida, mas não tinha a moda como uma prioridade (DINIZ, 2009). Acredita-se que o fato dela ter buscado seu reconhecimento na sociedade, através de seu trabalho, pode ter lhe influenciado a não usar roupas muito adornadas. Como abordado por Souza (2005), as características do vestuário feminino davam uma ideia de inferioridade, e Chiquinha não queria ser vista dessa forma, ela queria o seu espaço no meio social, ao lado de todos inclusive dos homens, não sendo inferior, nem superior.

A musicista, durante sua vida, buscou mudanças tanto sociais como ideológicas. Com relação à moda no Brasil pode-se dizer que esta também passou por várias alterações nesse período. O vestuário começou a ser feito industrialmente, ou seja, desenvolvido em maior escala. Ocorreram mudanças nos tecidos, pois aqueles vindos da Europa eram muito quentes para o nosso clima. E surgiram inclusive lojas de departamentos, como é o caso das Casas Pernambucanas, inaugurada em 1908 em São Paulo (BRAGA; PRADO, 2011).

Chiquinha foi inovadora tanto na música criando novos ritmos, como com relação às suas roupas. Em um momento mais complicado de sua vida, em que ela estava com pouco dinheiro, pois divorciou-se do marido e saiu de

casa, a musicista começou a costurar suas roupas, escolher tecidos diferentes dos da moda da época e criar novos modelos (DINIZ, 2009).

Assim como Chiquinha buscava o desbravamento e a abertura de espaço na sociedade com sua marcha "Ó abre alas", por exemplo, a moda brasileira naquele período também estava à procura de espaço para inovar e se transformar e deixar de ser uma fiel cópia da Europa. O nosso clima é totalmente diferente, a nossa cultura é outra e nós sempre tivemos muitas referências para a criação de moda, sendo assim, nada mais justo que o Brasil começasse a desenvolver peças de vestuário autorais.

É importante notar que na música, Chiquinha buscou referências na cultura do nosso país e criou novos estilos musicais como, a marcha. Na moda isso não aconteceu nesse mesmo período. Passaram-se vários anos para que alguns estilistas brasileiros comesçassem a criar peças autorais, utilizando nossas referências. Pode-se citar como exemplo de estilista que iniciou esse trabalho a Zuzu Angel e outro grande designer que utiliza muitas referências do Brasil em suas coleções, Ronaldo Fraga.

Considerações Finais

Vários autores como, Souza (2005) e Laver (2008), apontam a moda como único meio de expressão da mulher do período em questão. Ela de fato foi e ainda é até hoje um dos mais importantes elementos de expressão e comunicação. Porém, Chiquinha nos mostrou que haviam outras maneiras do gênero feminino se impor no meio social. Ela foi muito revolucionária, lutou pelas causas que acreditava e não tinha medo de mostrar suas opiniões e pontos de vista. A compositora e maestrina conquistou seu espaço na sociedade através da música, elemento cultural, criativo e sedutor, assim como a moda.

Pôde-se observar com o desenvolvimento do trabalho, que o gosto pessoal de Chiquinha e sua personalidade tiveram algumas similaridades com a moda do período, mas houveram também várias divergências, pois a musicista não apoiava o lado do exibicionismo, do mero adorno e opulência da moda.

Para que esta pesquisa seja contínua, pode-se analisar como as ideias revolucionárias de Chiquinha, podem ter influenciado a moda do período seguinte a vida da musicista, a fim de averiguar se houveram mudanças drásticas no vestuário.

E para futuros estudos pode-se abordar a música e a moda, relacionando estilos musicais contemporâneos, como o funk e o sertanejo, com a moda. Analisar de que forma esses tipos de música influenciam o vestuário das pessoas na atualidade e quais são as características das roupas criadas com referências desses gêneros musicais.

Referências

BALDINI, Massimo. **A invenção da moda**: as teorias, os estilistas, a história. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOFF, Israel. **A influência de Francisca Gonzaga na música brasileira do Segundo Reinado**. Rio Grande do Sul: História, imagem e narrativas. No 6, ano 3, abril/2008. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br>>. Acesso em: 05 mar 2011.

BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente**. São Paulo: CosacNaify, 2012.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. **História da moda no Brasil**. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

CAZES, Henrique. **Chiquinha Gonzaga**. São Paulo: MEDIAfashion, 2010.

_____. **Choro**: do quintal ao Municipal. São Paulo: Editora 34, 2005.

COSTA, Haroldo. **Cem anos de carnaval no Rio de Janeiro**. São Paulo: Irmão Vitale, 2001.

_____. **Política e religiões no carnaval**. Rio de Janeiro: Irmão Vitale, 2007.

DINIZ, Edinha. **Chiquinha Gonzaga**: uma história de vida. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DONATO, Cida. **A sedução poética das composições de Chiquinha Gonzaga e suas parcerias textuais**: o nascimento de uma estética brasileira na música do início do século XX. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, 2008.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

KOHLER, Carl. **História do vestuário**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. **A moda do século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. **A travessia do avesso:** Sob o signo do carnaval. São Paulo: Annablume, 1995.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas:** a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SOUZA, Rodolfo Coelho de. **Música.** São Paulo: Novas Metas, 1983.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular.** 7ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.